

J.M. COETZEE

A infância de Jesus

Tradução

José Rubens Siqueira



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by J.M. Coetzee

Publicado mediante acordo com Peter Lampack Agency, Inc. 551 Fifth Avenue, Suite 1613, New York, NY 10176-0187 USA.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Childhood of Jesus

Capa

WH Chong

Foto de capa

Foto da criança, iStock

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Adriana Cristina Bairrada

<completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coetzee, J.M.

A infância de Jesus / J.M. Coetzee; tradução José Rubens Siqueira. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Título original: The Childhood of Jesus.

ISBN 978-85-359-2257-8

1. Romance inglês - Escritores sul-africanos I. Título

13-02724

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura sul-africana em inglês

823

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

O homem no portão aponta um prédio baixo e esparramado a meia distância. “Se correrem”, diz, “dá para registrar antes de encerrarem o expediente.”

Eles correm. *Centro de Reubicación Novilla*, diz a placa. *Reubicación*: o que quer dizer isso? É uma palavra que ele não aprendeu.

O escritório é grande e vazio. Muito quente também — ainda mais quente que lá fora. Nos fundos, um balcão de madeira da largura da sala, repartido por divisórias de vidro jateado. Encostada à parede uma fileira de gaveteiros de arquivos de madeira envernizada.

Suspensa sobre uma das divisórias, uma placa: *Recién Llegados*, as palavras impressas a estêncil sobre um retângulo de papelão. A atendente atrás do balcão, uma moça, o recebe com um sorriso.

“Bom dia”, ele diz. “Somos recém-chegados.” Ele articula as palavras devagar, no espanhol que trabalhou duro para dominar. “Estou procurando emprego e também um lugar para mo-

rar.” Pega o menino pelas axilas e o ergue para que ela o veja direito. “Tenho uma criança comigo.”

A moça estende a mão para cumprimentar o menino. “Olá, mocinho!”, diz ela. “É seu neto?”

“Nem neto, nem filho, mas sou responsável por ele.”

“Um lugar para morar.” Ela olha seus papéis. “Nós temos um quarto aqui no Centro que o senhor pode usar enquanto procura uma coisa melhor. Nada de luxo, mas acho que o senhor não vai se importar. Quanto ao emprego, vamos cuidar disso de manhã: o senhor parece cansado, tenho certeza que está querendo descansar. Veio de muito longe?”

“Ficamos na estrada a semana inteira. Viemos de Belstar, do campo. Conhece Belstar?”

“Sim, conheço Belstar muito bem. Eu também sou de lá. Foi lá que aprendeu espanhol?”

“Aula todo dia durante seis semanas.”

“Seis semanas? Que sorte a sua. Eu fiquei três meses em Belstar. Quase morri de tédio. A única coisa que me animava eram as aulas de espanhol. Por acaso a sua professora era a señora Piñera?”

“Não, nosso professor era um homem.” Ele hesita. “Posso falar de uma outra coisa? Meu menino...” — ele olha o menino — “não está bem. Um pouco porque está indisposto, confuso e indisposto, não tem comido direito. Estranhou a comida do campo, não gostou. Tem algum lugar onde a gente possa comer uma refeição normal?”

“Quantos anos ele tem?”

“Cinco. Essa é a idade que deram para ele.”

“E o senhor disse que não é seu neto.”

“Nem neto, nem filho. Não é meu parente. Olhe aqui.” Tira do bolso dois passes e mostra a ela.

A moça inspeciona os passes. “Expedidos em Belstar?”

“Foi. Lá é que deram os nossos nomes, nossos nomes em espanhol.”

Ela se debruça sobre o balcão. “David. Lindo nome”, diz. “Gosta do seu nome, mocinho?”

O menino olha diretamente para ela, mas não responde. O que ela vê? Uma criança magra e pálida, usando um casaco de lã abotoado até o pescoço, calça curta cinzenta cobrindo os joelhos, botinhas de amarrar pretas com meias de lã e um gorro de pano num bolso.

“Não acha que essa roupa está muito quente? Quer tirar o casaco?”

O menino sacode a cabeça.

Ele intervém. “A roupa é de Belstar. Ele mesmo que escolheu do que tinham para oferecer. Ficou muito apegado a essa roupa.”

“Entendo. Perguntei porque parece um pouco quente demais para um dia como hoje. Deixe eu falar: nós temos aqui no Centro um depósito de roupas que as pessoas doam quando não servem mais para os filhos. Fica aberto toda manhã nos dias de semana. O senhor pode ir lá e escolher à vontade. Vai achar mais variedade aqui do que em Belstar.”

“Obrigado.”

“Além disso, assim que o senhor preencher todos os formulários vai poder tirar dinheiro com o seu passe. Tem direito a quatrocentos reais. O menino também. Quatrocentos cada um.”

“Obrigado.”

“Agora vou levar vocês para o quarto.” Ela se inclina e sussurra para a mulher do guichê ao lado, identificado como *Trabalhos*. A mulher abre uma gaveta, vasculha dentro, sacode a cabeça.

“Um probleminha”, diz a moça. “Parece que estamos sem a chave do seu quarto. Deve estar com a supervisora do prédio. O nome dela é senhora Weiss. Vá até o prédio C. Eu faço um

mapa para o senhor. Quando encontrar a señora Weiss, peça para ela a chave do C-55. Diga que foi a Ana do escritório central quem mandou o senhor.”

“Não seria mais fácil nos dar outro quarto?”

“Infelizmente, o C-55 é o único quarto vago.”

“E comida?”

“Comida?”

“É. Tem alguma coisa para a gente comer?”

“Isso também é com a señora Weiss. Ela pode resolver.”

“Obrigado. Só mais uma coisa: tem aqui alguma organização especializada em encontrar pessoas?”

“Encontrar pessoas?”

“É. Deve ter muita gente procurando membros da família. Tem alguma organização que ajude a reunir as famílias: famílias, amigos, namorados?”

“Não, nunca ouvi falar de nenhuma organização assim.”

Em parte porque está cansado e desorientado, em parte porque o mapa que a moça desenhou não é claro, em parte por não haver sinalização, ele leva um longo tempo para encontrar o Prédio C e a sala da señora Weiss. A porta está fechada. Ele bate. Ninguém responde.

Ele se dirige a uma moça que passa, uma mulher minúscula com um rosto pontudo de ratinho, usando o uniforme cor de chocolate do Centro. “Estou procurando a señora Weiss”, ele diz.

“Ela não está”, diz a moça, e como ele não entende: “Já foi embora por hoje. Volta amanhã de manhã”.

“Quem sabe você pode ajudar. Estou procurando a chave do quarto C-55.”

A moça sacode a cabeça: “Desculpe, eu não cuido das chaves”.

Eles voltam para o *Centro de Reubicación*. A porta está trancada. Ele bate de leve no vidro. Nem sinal de vida lá dentro. Ele bate outra vez.

“Estou com sede”, o menino geme.

“Espere mais um pouquinho”, ele diz. “Vou procurar uma torneira.”

A moça, Ana, aparece na esquina do prédio. “Estava batendo?”, ela pergunta. Ele se surpreende outra vez: com a juventude dela, a saúde e o frescor que ela irradia.

“Parece que a senhora Weiss já foi embora”, ele diz. “Você pode fazer alguma coisa? Não tem — como se diz? — uma *llave universal* que abra o quarto?”

“*Llave maestra. Llave universal* não existe. Se existisse uma *llave universal* todos os nossos problemas estariam resolvidos. Não, a senhora Weiss é a única que tem a *llave maestra* do Prédio C. O senhor não tem algum amigo com quem possa passar a noite? E aí volta amanhã de manhã e fala com a senhora Weiss.”

“Amigo para passar a noite? Nós chegamos aqui há seis semanas, e desde então estamos morando numa barraca no deserto. Como a senhora quer que eu tenha algum amigo para receber a gente?”

Ana franze a testa. “Vá até o portão principal”, ela ordena. “Me espere do lado de fora. Vou ver o que eu posso fazer.”

Eles saem pelo portão, atravessam a rua, se sentam à sombra de uma árvore. O menino descansa a cabeça em seu ombro. “Estou com sede”, reclama. “Quando que você vai achar a torneira?”

“Shh”, diz ele. “Escute os passarinhos.”

Escutam o estranho canto dos pássaros, sentem o vento estranho na pele.

Ana aparece. Ele se levanta e acena. O menino também se levanta, os braços rígidos ao longo do corpo, polegares apertados na mão fechada.

“Trouxe um pouco de água para seu filho”, ela diz. “Olhe, David, beba.”

O menino bebe, devolve o copo. Ela o guarda na bolsa. “Estava bom?”, ela pergunta.

“Estava.”

“Bom. Agora venham comigo. Tem de andar bastante, mas pensem que o exercício faz bem para a saúde.”

Ela depressa pega a trilha que atravessa o parque. Uma moça atraente, não há como negar, embora as roupas que usa não combinem bem com ela: saia escura, sem forma, blusa branca apertada no pescoço, sapatos baixos.

Sozinho, ele seria capaz de acompanhá-la, mas com o menino no colo não consegue. “Por favor, não tão depressa!”, ele diz. Ela o ignora. A uma distância cada vez maior, ele a segue através do parque, através de uma rua, através de uma segunda rua.

Na frente de uma casa estreita, simples, ela para e espera. “É aqui que eu moro”, diz. Destranca a porta. “Entrem.”

Ela os leva por um corredor escuro, passam por uma porta nos fundos, descem uma escada de madeira rangente, chegam a um quintalzinho com mato alto, fechado de dois lados por cerca de madeira e no terceiro por uma tela de arame.

“Sentem”, diz ela, indicando uma cadeira de ferro enferrujada meio coberta de mato. “Vou buscar alguma coisa para vocês comerem.”

Ele não sente vontade de sentar. Junto com o menino, espera na porta.

A moça reaparece trazendo um prato e uma jarra. A jarra tem água. O prato, quatro fatias de pão com margarina. Exatamente a mesma coisa que comeram no café da manhã na central de caridade.

“Legalmente, como recém-chegados vocês são obrigados a residir em moradias aprovadas ou então no Centro”, diz ela. “Mas tudo bem passarem a primeira noite aqui. Como eu sou funcionária do Centro, a gente pode dizer que minha casa conta como moradia aprovada.”

“Muita gentileza sua, muita generosidade”, ele diz.

“Tem uns restos de material de construção ali naquele canto.” Ela aponta. “O senhor pode construir um abrigo, se quiser. Posso deixar por sua conta?”

Ele fica olhando para ela, intrigado. “Não sei se entendi bem”, diz. “Onde exatamente nós vamos passar a noite?”

“Aqui.” Ela indica o quintal. “Volto daqui a pouco para ver como estão se virando.”

Os materiais de construção mencionados são meia dúzia de chapas de ferro galvanizado, com pontos enferrujados, sem dúvida, restos de telhado, e uns pedaços de madeira. Será um teste? Será que ela está falando sério de ele e o menino dormirem ao ar livre? Ele espera a volta prometida, mas ela não vem. Ele experimenta a porta dos fundos: está trancada. Ele bate; nenhuma resposta.

O que está acontecendo? Ela está atrás da cortina, observando como ele vai reagir?

Eles não são prisioneiros. Seria fácil escalar a cerca de arame e ir embora. É isso que devem fazer? Ou ele deve esperar para ver o que vai acontecer?

Ele espera. Quando ela reaparece, o sol está se pondo.

“O senhor não fez muita coisa”, ela observa, franzindo a testa. “Tome.” Entrega a ele uma garrafa de água, uma toalha de rosto, um rolo de papel higiênico. E quando ele olha para ela interrogativamente: “Ninguém vai ver o senhor”.

“Mudei de ideia”, ele diz. “Vamos voltar para o Centro. Deve ter algum espaço comum para a gente passar a noite.”

“Não dá para fazer isso. Os portões do Centro estão fechados. Fecham às seis.”

Exasperado, ele vai até a pilha de chapas de cobertura, pega duas e encosta em ângulo contra a cerca de madeira. Faz a mesma coisa com a terceira e a quarta chapas, criando uma cabana

rústica. “É isso que você tinha pensado para nós?”, ele pergunta, se virando para ela. Mas ela foi embora.

“É aqui que a gente vai dormir hoje”, ele diz ao menino. “Vai ser uma aventura.”

“Estou com fome”, o menino diz.

“Não comeu seu pão.”

“Não gosto de pão.”

“Bom, vai ter de se acostumar porque só tem isso. Amanhã a gente encontra alguma coisa melhor.”

Desconfiado, o menino pega uma fatia de pão e dá pequenas mordidas. Ele nota que a criança está com as unhas pretas de sujeira.

Com a luz do dia declinando, eles se acomodam no abrigo, ele numa cama de mato, o menino na curva de seu braço. O menino logo adormece, o polegar na boca. No seu caso, o sono demora a chegar. Não tem casaco; logo o frio começa a penetrar em seu corpo; ele começa a tremer.

Nada sério, é só frio, não mata ninguém, diz a si mesmo. A noite vai passar, o sol vai surgir, o dia virá. Que pelo menos não haja insetos rastejantes. Insetos rastejantes seria demais.

Ele dorme.

Nas primeiras horas da madrugada acorda, o corpo duro, dolorido de frio. Sente a raiva crescer por dentro. Por que essa desgraça sem sentido? Engatinha para fora do abrigo, tateia até a porta dos fundos, bate, primeiro discretamente, depois com mais força.

Uma janela se abre no alto; ao luar mal pode discernir o rosto da moça. “O que foi?”, ela pergunta. “Algum problema?”

“Muitos problemas”, ele diz. “Está frio aqui. Poderia, por favor, nos deixar entrar?”

Uma longa pausa. Depois: “Espere”, ela diz.

Ele espera. Depois: “Olhe aí”, diz a voz dela.

Um objeto cai a seus pés: um cobertor, nada grande, dobrado em quatro, feito de algum material áspero, com cheiro de cânfora.

“Por que nos trata assim?”, ele pergunta. “Como lixo.”

A janela se fecha com ruído.

Ele engatinha de volta para o abrigo, enrola o cobertor em si mesmo e no menino adormecido.

Acorda com o alarido do canto dos pássaros. O menino, ainda dormindo profundamente, está de costas para ele, o boné debaixo do rosto. Suas roupas estão úmidas de orvalho. Ele cochila outra vez. Quando abre os olhos de novo, a moça está olhando para ele. “Bom dia”, diz ela. “Trouxe café da manhã. Tenho de sair logo. Quando estiverem prontos deixo vocês saírem.”

“Deixa a gente sair?”

“Deixo vocês passarem por dentro da casa. Por favor, não demorem. E não esqueça de levar o cobertor e a toalha.”

Ele acorda o menino. “Venha”, diz, “hora de levantar. Hora do café da manhã.”

Eles fazem xixi lado a lado num canto do quintal.

O café da manhã não é nada mais que pão e água outra vez. O menino torce o nariz; ele próprio não está com fome. Deixa a bandeja intacta no degrau. “Estamos prontos para ir”, diz, alto.

A moça os conduz pela casa até a rua vazia. “Até logo”, diz ela. “Pode voltar à noite se precisar.”

“E o quarto que você prometeu no Centro?”

“Se não encontrarem a chave ou se o quarto já tiver sido ocupado, podem dormir aqui de novo. Até logo.”

“Espere um pouco. Pode ajudar a gente com algum dinheiro?” Até esse momento ele não precisou mendigar, mas não sabe mais a quem recorrer.

“Eu disse que ia ajudar, não falei em dar dinheiro. Para isso vocês precisam ir ao escritório da *Asistencia Social*. Pode pegar

um ônibus para a cidade. Não esqueça de levar seu passe e o atestado de residência. Então vai poder retirar sua verba de realocação. Pode também arrumar um emprego e pedir um adiantamento. Não vou poder ir ao Centro agora de manhã, tenho uma reunião. Mas o senhor pode ir lá e dizer que está procurando emprego e quer *un vale*, eles vão entender o que está dizendo. *Un vale*. Agora eu preciso mesmo ir.”

A trilha que ele e o menino seguem pelo parque vazio se revela o caminho errado; quando chegam ao Centro o sol já está alto no céu. Atrás do balcão de *Trabajos*, está uma mulher de meia-idade, rosto severo, o cabelo puxado para trás cobrindo as orelhas e bem preso na nuca.

“Bom dia”, ele diz. “Nós nos registramos ontem. Somos recém-chegados e estou procurando trabalho. Me disseram que a senhora pode me dar *un vale*.”

“*Vale de trabajo*”, diz a mulher. “Me mostre o seu passe.”

Ele dá a ela o passe. Ela o inspeciona e devolve. “Vou fazer um *vale*, mas é o senhor que tem de decidir que tipo de trabalho vai fazer.”

“Tem alguma sugestão? Por onde eu devo começar? Não conheço nada aqui.”

“Tente nas docas”, diz a mulher. “Estão sempre precisando de gente para trabalhar lá. Pegue o ônibus número 29. Sai ali da frente do portão principal a cada meia hora.”

“Não tenho dinheiro para ônibus. Não tenho dinheiro nenhum.”

“O ônibus é grátis. Todos os ônibus são grátis.”

“E um lugar para ficar? Posso tratar dessa questão da acomodação? A moça que estava de serviço ontem, Ana ela se chama, reservou um quarto para nós, mas não conseguimos entrar.”

“Não tem nenhum quarto vago.”

“Ontem tinha o quarto C-55, mas não encontraram a chave. A chave estava com a señora Weiss.”

“Não sei de nada. Volte de tarde.”

“Posso falar com a señora Weiss?”

“Hoje de manhã tem uma reunião dos funcionários principais. A señora Weiss está na reunião. Só volta depois do almoço.”

2.

No ônibus 29 ele examina o *vale de trabajo* que recebeu. Não é nada mais que uma folha arrancada de um bloco de anotações, na qual está escrito: “Portador recém-chegado. Por favor, considere a possibilidade de emprego”. Nenhum selo oficial, nem assinatura, apenas as iniciais P. X. Parece tudo muito informal. Será suficiente para lhe garantir um emprego?

São os últimos passageiros a desembarcar. Considerando a extensão das docas — os ancoradouros se estendem pela beira do rio até onde a vista alcança — estão estranhamente desolados. Só num cais parece haver atividade: um cargueiro está sendo carregado ou descarregado, homens sobem e descem a prancha de acesso.

Ele se aproxima de um homem alto, de macacão, que parece supervisionar as operações. “Bom dia”, diz. “Estou procurando trabalho. O pessoal do Centro de Realocação disse que eu devia vir aqui. É com você que eu devo falar? Tenho um *vale*.”

“Pode falar comigo”, diz o homem. “Mas o senhor não está um pouco velho para *estibador*?”

Estibador? Ele deve parecer desnorteado porque o homem (é o capataz?) faz a mímica de jogar um saco nas costas e se curvar sob o peso.

“Ah, *estibador!*”, ele exclama. “Desculpe, não sou muito bom com o espanhol. Não, não estou velho, não.”

É verdade o que acabou de se ouvir dizendo? Não está velho demais para trabalho pesado? Ele não se sente velho, assim como não se sente moço. Não se sente de nenhuma idade específica. Ele se sente sem idade, se isso é possível.

“Deixe eu experimentar”, ele propõe. “Se achar que não sirvo, vou embora na mesma hora, sem reclamar.”

“Bom”, diz o capataz. Amassa o vale numa bolinha e joga na água. “Pode começar já. O menino está com o senhor? Ele pode ficar aqui comigo, se quiser. Eu cuido dele. Quanto ao espanhol, não se preocupe, continue insistindo. Chega uma hora que para de parecer uma língua, fica parecendo o jeito como as coisas são.”

Ele vira para o menino. “Você fica aqui com este moço enquanto eu ajudo a carregar os sacos?”

O menino faz que sim. Está chupando o dedo outra vez.

A largura da prancha só permite a passagem de um homem de cada vez. Ele espera enquanto um estivador desce com um saco imenso nas costas. Depois, sobe ao convés e desce uma escada sólida de madeira até o porão. Seus olhos demoram um pouco para se acostumar à penumbra. O porão está carregado de grandes sacos idênticos, centenas, talvez milhares.

“O que tem dentro dos sacos?”, ele pergunta ao homem a seu lado.

O homem olha para ele, estranhando. “*Granos*”, diz.

Quer perguntar quanto pesam os sacos, mas não dá tempo. É a sua vez.

Empoleirado na pilha está um sujeito grande, de antebraços musculosos e um largo sorriso, cujo trabalho, evidentemente-

te, é derrubar um saco nos ombros do estivador que espera na fila. Ele vira as costas, o saco desce; ele cambaleia, depois agarra as pontas como vê os outros fazendo, dá um primeiro passo, um segundo. Será que vai realmente conseguir subir a escada levando aquele peso grande como os outros homens estão fazendo? Tem essa capacidade?

“Firme, *viejo*”, diz uma voz atrás dele. “Vá com calma.”

Ele põe o pé esquerdo no primeiro degrau da escada. É uma questão de equilíbrio, diz a si mesmo, de se manter firme, de não deixar o saco escorregar nem o conteúdo dele mexer. Se as coisas começam a mexer ou escorregar, você está perdido. De estivador você volta a ser um mendigo tremendo de frio num abrigo de lata no quintal de uma estranha.

Ergue o pé direito. Está começando a aprender uma coisa sobre a escada: se encostar o peito contra ela então o peso do saco, em vez de ameaçar desequilibrar a pessoa, dá estabilidade. Com o pé esquerdo encontra o segundo degrau. Soam alguns aplausos no porão. Ele cerra os dentes. Dezoito degraus mais (ele contou). Não vai fracassar.

Devagar, passo a passo, descansando a cada degrau, ouvindo o coração disparado (e se tiver um enfarte? Que vergonha seria!), ele sobe. No alto ele vacila e cai de frente, de forma que o saco despenca para o convés.

Ele se põe de pé outra vez, aponta o saco. “Alguém pode me dar uma mão?”, pergunta, tentando controlar a respiração ofegante, tentando parecer normal. Mãos atenciosas erguem o saco para suas costas.

A prancha tem dificuldades próprias: ela balança de leve de um lado para outro quando o navio se move, sem oferecer o apoio que a escada oferecia. Ele tenta ao máximo se manter ereto enquanto desce, embora isso signifique que não consegue olhar onde está pisando. Fixa os olhos no menino, que está imó-

vel ao lado do capataz, observando. *Que eu não envergonhe o menino!*, ele diz a si mesmo.

Sem um tropeço, chega ao cais. “Vire à esquerda!”, diz o capataz. Ele vira com dificuldade. Uma carroça está se aproximando, uma carroça de fundo chato puxada por dois imensos cavalos de patas peludas. Percherões? Nunca viu um percherão ao vivo. Eles fedem, o cheiro forte de urina o envolve.

Ele se vira e deixa o saco cair na caçamba da carroça. Um jovem com chapéu velho salta com leveza para a carroça e puxa os sacos. Um dos cavalos despeja uma carga de estrume fume-gante. “Sai fora!”, diz uma voz atrás dele. É o próximo estivador, o próximo companheiro, com o próximo saco.

Ele refaz o caminho até o porão, volta com uma segunda carga, e uma terceira. É mais lento que os companheiros (às vezes precisam esperar por ele), mas não muito. Vai melhorar quando se acostumar com o trabalho e seu corpo ficar mais forte. Não é velho demais, afinal.

Embora atrase os outros, não sente animosidade nos outros homens. Ao contrário, eles lhe dão uma ou duas palavras de ânimo, um tapinha nas costas. Se a estiva é isso, não é um mau trabalho. Pelo menos você realiza alguma coisa. Pelo menos você ajuda a transportar o trigo, trigo que vai virar pão, o sustento da vida.

Soa um apito. “Descanso”, explica o homem a seu lado. “Se quiser, sabe?”

Os dois urinam atrás de um abrigo, lavam as mãos numa torneira. “Tem algum lugar para a gente tomar um chá?”, ele pergunta. “E quem sabe comer alguma coisa?”

“Chá?”, pergunta o homem. Parece divertido. “Não que eu saiba. Se está com sede pode usar minha caneca; mas amanhã traga a sua.” Ele enche a caneca na torneira, e entrega. “Traga um pão também, ou meio pão. É muito tempo de trabalho para ficar de barriga vazia.”

A pausa dura apenas dez minutos e o trabalho de descarregar é retomado. Quando o capataz toca o apito no fim do dia, ele carregou trinta e um sacos do porão para o cais. Num dia inteiro, pode carregar talvez cinquenta. Cinquenta sacos por dia: duas toneladas, mais ou menos. Não é grande coisa. Um guindaste carrega duas toneladas de uma vez. Por que não usam um guindaste?

“Muito bom esse rapazinho, seu filho”, diz o capataz. “Não deu trabalho nenhum.” Sem dúvida o chama de rapazinho, *jovencito*, para fazê-lo se sentir bem. Um bom rapaz que vai crescer para ser estivador também.

“Se trouxessem um guindaste”, ele observa, “dava para descarregar num décimo do tempo. Mesmo um guindaste pequeno.”

“Dava, sim”, o capataz concorda. “Mas para quê? Para que fazer as coisas em um décimo do tempo? Nem tem nenhuma emergência acontecendo, nenhuma falta de nada, por exemplo.”

Para quê, de fato? Parece uma pergunta genuína, não um tapa na cara. “Para a gente usar o esforço em alguma outra coisa melhor”, ele sugere.

“Melhor que o quê? Melhor que fornecer pão para nossos irmãos?”

Ele dá de ombros. Devia ter ficado de boca fechada. Com certeza não diria: *Melhor que arrastar todo esse peso feito burros de carga.*

“Eu e o menino temos de correr”, diz ele. “Temos de estar no Centro às seis da tarde, senão vamos dormir ao relento. Volta amanhã de manhã?”

“Claro, claro. Você foi bem.”

“E posso pegar um adiantamento?”

“É pena, mas não dá. O pagador só passa na sexta-feira. Mas se está sem dinheiro” — ele enfia a mão no bolso e tira um punhado de moedas — “tá aqui, pegue quanto precisa.”

“Não sei quanto eu preciso. Sou novo aqui, não faço ideia dos preços.”

“Fique com tudo. Você me paga na sexta.”

“Obrigado. Muita bondade sua.”

É verdade. Tomar conta do *jovencito* enquanto ele trabalha e ainda por cima emprestar dinheiro: não é o que se espera de um capataz.

“Não é nada. Você faria a mesma coisa. Até mais, rapazi-nho”, ele diz, se virando para o menino. “Te vejo amanhã cedi-nho bem animado.”

Eles chegam ao escritório quando a mulher de rosto duro está encerrando o expediente. Nem sinal de Ana.

“Alguma novidade sobre o nosso quarto?”, ele pergunta. “Encontraram a chave?”

A mulher franze a testa. “Siga a rua, vire a primeira à direita, procure um prédio comprido, térreo, chamado Prédio C. Pergunte pela senhora Weiss. Ela vai levar vocês para o quarto. E pergunte para a senhora Weiss se podem usar a lavanderia para lavar suas roupas.”

Ele entende a insinuação e fica vermelho. Depois de uma semana sem banho o menino começou a cheirar; sem dúvida, ele está cheirando ainda pior.

Ele mostra o dinheiro a ela. “Pode me dizer quanto é isto?”

“Não sabe contar?”

“O que eu quero saber é o que dá para comprar com isso. Dá para uma refeição?”

“O Centro não fornece refeições, só café da manhã. Mas fale com a senhora Weiss. Explique sua situação. Ela talvez possa ajudar.”

A sala C-41, escritório da senhora Weiss, está fechada e trancada como antes. Mas no porão, num canto debaixo da escada, iluminado por uma única lâmpada nua, ele encontra um rapaz esparramado numa cadeira, lendo uma revista. Além do uniforme cor de chocolate do Centro, usa um chapeuzinho re-

dondo com uma correia passando pelo queixo, igual a um macaco de realejo.

“Boa tarde”, ele diz. “Estou procurando a arisca senhora Weiss. Faz ideia de onde ela está? Deram um quarto para a gente neste prédio e ela tem a chave, ou pelo menos a chave mestra.”

O rapaz se põe de pé, pigarreia e responde. Sua resposta é polida, mas não ajuda nada. Se a sala da senhora Weiss está trancada então a senhora deve ter ido para casa. Quanto à chave mestra, se existe, deve estar trancada na mesma sala. Do mesmo jeito que a chave para a lavanderia.

“Você pode pelo menos nos levar até o quarto C-55?”, ele pergunta. “Foi o quarto que deram para a gente.”

Sem dizer uma palavra o rapaz o leva por um longo corredor, passam na frente do C-49, C-50... C-54. Chegam ao C-55. Ele experimenta a porta. Não está trancada. “Seus problemas terminaram”, ele observa com um sorriso e se retira.

O C-55 é pequeno, sem janela, a mobília extremamente simples: uma cama de solteiro, um gaveteiro, uma pia. Em cima do gaveteiro há uma bandeja com um pires com dois cubos e meio de açúcar. Ele dá o açúcar para o menino.

“A gente tem de ficar aqui?”, o menino pergunta.

“Temos de ficar aqui, sim. Só por um tempinho, enquanto eu procuro uma coisa melhor.”

No fim do corredor, ele encontra um cubículo com chuveiro. Não há sabonete. Ele despe o menino, se despe. Juntos, ficam debaixo de um fio de água morna enquanto ele faz o melhor possível para lavar ambos. Depois, enquanto o menino espera, ele põe a roupa de baixo na mesma água (que logo fica fresca e depois fria) e torce. Desafiadoramente nu, com o menino a seu lado, ele segue o corredor de volta para seu quarto e tranca a porta. Com a sua única toalha, ele enxuga o menino. “Agora, vá para a cama”, diz.

“Estou com fome”, o menino reclama.

“Paciência. De manhã a gente come bastante, prometo. Pense nisso.” Ele o arranja na cama, dá-lhe um beijo de boa-noite.

Mas o menino está sem sono. “Por que a gente está aqui, Simón?”, ele pergunta, baixo.

“Já falei: vai ser só por uma ou duas noites. Até a gente encontrar um lugar melhor para ficar.”

“Não, estou falando por que a gente está *aqui*?” Seu gesto abrange o quarto, o Centro, a cidade de Novilla, tudo.

“Você está aqui para encontrar sua mãe. E eu estou aqui para ajudar você.”

“Mas depois que a gente encontrar ela, por que a gente está aqui?”

“Não sei o que dizer. Estamos aqui pela mesma razão que todo mundo está. Nos deram uma chance de viver e nós aceitamos essa chance. É uma grande coisa, viver. É a coisa mais importante de todas.”

“Mas a gente tem que viver aqui?”

“Se não for aqui, onde seria? Não tem outro lugar para estar, só aqui. Agora feche os olhos. Está na hora de dormir.”